

humanitas

Vol. XLV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS




HUMANITAS

Vol. XLV • MCMXCIII

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA

DOS DOUTORES WALTER DE MEDEIROS E MANUEL PULQUÉRIO



MARIA ISABEL REBELO GONÇALVES
Universidade de Lisboa

UMA NUVEM SOBRE A CAMA.
OUTRO ANFITRIÃO PORTUGUÊS

Em artigo publicado no número 13/14 (5.^a série), 1990, da *Revista da Faculdade de Letras* (homenagem ao Professor Pina Martins), ocupámo-nos de três recriações portuguesas do *Anfitrião* plautino: as de Luís de Camões, António José da Silva e Augusto Abelaira. Obras de diferente concepção, têm em comum, além da temática de base, dois outros motivos — a glorificação do amor e uma evidente olisipofilia. Se a glorificação do amor não causará surpresa, tendo em conta o mito que Plauto tão originalmente adaptou, as notas «alfacinhas» podem parecer deslocadas. O certo, porém, é que se enquadram perfeitamente nos ambientes e sublinham, com oportunidade, condicionalismos do tempo dos três autores: a Alfama de Camões deixa transparecer problemas sociais resultantes dos descobrimentos; o Limoeiro do *Judeu* reflecte a brutalidade das condenações do Santo Ofício; e o desaparecimento dos golfinhos do Tejo revela uma das maiores calamidades deste século — a poluição.

Em Março de 1991 lemos uma notícia sobre a representação em Portalegre de nova peça inspirada no *Anfitrião: Uma Nuvem sobre a Cama*, da autoria de Norberto Ávila. Fizemos várias tentativas para obter o texto, mas nada conseguimos, já que a obra fora representada, mas não editada. Tendo lamentado, numa das nossas aulas sobre Plauto, não podermos analisar o último *Anfitrião* português, aconteceu o inesperado. Passados dias, um aluno traz-nos o original, gentilmente cedido pelo Autor*. Pudemos, assim, dar continuidade ao estudo de um tema que se tem revelado aliciente.

* Agradecemos, reconhecidamente, a generosidade do Autor e a amável mediação do aluno João Lourenço de Sousa Rodrigues, do Curso de Estudos Portugueses.

Poder-se-ia pensar que *Uma Nuvem sobre a Cama, Comédia Erótica em Duas Partes* dificilmente traria grandes novidades quanto ao aproveitamento do tema¹ de Anfitrião. Mas traz. E, desta vez, está centrada no sexo, talvez a maior obsessão do nosso tempo.

Vejamos, porém, como o dramaturgo desenvolve o tema clássico.

Como o subtítulo indica, a peça está dividida em duas partes. Tem dez cenas. A acção decorre em Tebas.

PRIMEIRA PARTE

Cena 1. Nos seus aposentos, Alcmena não se cansa de venerar Zeus (os deuses têm os nomes gregos), em cujo altar coloca flores e queima plantas aromáticas. O seu «fervor religioso» não impede um muito terreno interesse pelos prazeres carnaís. Chega Anfitrião que logo se dispõe a gozar uns momentos de intimidade com a «amantíssima Alcmena». O mesmo fazem, em aposento contíguo, Sósia e sua mulher, Calipsandra.

De uma nuvem, Zeus e Hermes observam a dupla cena amorosa. Zeus está muito interessado em Alcmena, porque

amar exclusivamente deusas é coisa que se torna monótona.

Cena 2. Alcmena volta a venerar Zeus. Depois, há uma troca de confidências com Calipsandra sobre os respectivos maridos e ... sobre os estragos causados nos leitos pelos apaixonados.

Quando Alcmena fica só, surge-lhe Hermes, qual anjo da Anunciação:

Tenho o grato prazer de anunciar-te que, chegado o devido tempo, darás à luz um filho divino.

A futura mãe reage mal, pois é fidelíssima ao marido. Quando Hermes se retira, e depois de interrogar Calipsandra, Alcmena julga ter sonhado.

Cena 3. Os leitos estragados levam Alcmena a recorrer ao marceneiro Esfódrias, que não aparece em cena, mas com o qual, para os bastidores, há um diálogo pleno de comicidade — pretexto, por exemplo, para, em divertido anacronismo, se criticar a burocracia que nos afoga.

¹ Não esqueçamos *Um Deus Dormiu lá em Casa*, do brasileiro Guilherme de Figueiredo.

Sósia chega ao seu aposento e, em conversa com Calipsandra, revela-se apreciador de bons vinhos ... roubados ².

No aposento principal, Anfitrião fala com Alcmena e mostra remorsos pela morte que involuntariamente causou ao sogro, Electrião. Propõe-se exorcizar o seu fantasma sacrificando cem bois, uma hecatombe. Apesar de toda a sua piedade, Alcmena acha o sacrifício exagerado e, com grande sentido prático, sugere o sacrifício, «simbólico», de um boi apenas, «dos mais rotundos e aparatosos».

Da nuvem, Zeus e Hermes vão tomando nota do que vêem, especialmente das expressões e gestos de Anfitrião ...

Cena 4. Anfitrião não imagina o que o espera, mas, marido ciumento, desconfia ... das atenções que o rei Creonte dispensa a Alcmena. Prepara então uma «encenação» para pôr Alcmena à prova. Como Sósia, linguareiro, lhe contara o «sonho» que Alcmena descrevera a Calipsandra, decide mascarar-se de Zeus e tentar seduzir a mulher.

Cena 5. Ao regressar de uma festa no palácio de Creonte, a virtuosa Alcmena, a quem Calipsandra, também bisbilhoteira, revelara a armadilha preparada pelo marido, diverte-se com a «representação», tal como, num recanto em que se ocultam, Sósia e Calipsandra.

Os deuses não se divertem menos. É então que Zeus decide afastar Anfitrião de casa, provocando uma guerra contra os Teléboas.

SEGUNDA PARTE

Cena 6. Sósia, embriagadíssimo, diz a Calipsandra que «reben-taram as comportas da guerra», visto terem sido assassinados os irmãos de Alcmena. Depois, pensa como dar a má nova à ama ³, mas é Calipsandra, primeiro renitente, quem acaba por contar o sucedido. Anfitrião quer vingar os cunhados, mortos pelo cruel rei Pterelas (*sic*). Apesar do desgosto, Alcmena não quer que o marido parta, mas ele mostra-se inflexível.

Cena 7. No acampamento militar, Anfitrião, vitorioso, encarrega Sósia de ir imediatamente para casa, contar a Alcmena os seus gloriosos feitos.

² Plauto, *Anf.*, 267 segs. e 574 segs.

³ Em Plauto, Sósia pensa no modo de contar a Alcmena os sucessos da guerra (201 segs.).

Zeus e Hermes, já vestidos como Anfitrião e Sósia, observam e comentam o que se passa.

Cena 8. Quando Sósia chega ao palácio, encontra o seu *alter ego* e segue-se a tradicional cena de confusão e pancadaria⁴. Depois, Hermes-Sósia dá a Alcmena a boa nova da vitória do marido e aproveita o disfarce para desfrutar os amores de Calipsandra. Zeus-Anfitrião também consegue os seus intentos. Fora do palácio, o povo festeja a vitória de Anfitrião. Zeus oferece a Alcmena a taça⁵ em que bebia o rei Pterelas.

Cena 9. Voltando ao acampamento, Sósia relata ao amo as suas desventuras, em cena também aproximável do original plautino e tão conseguida como neste⁶. Como castigo das suas «mentiras», Sósia é «despromovido» e tem de regressar a casa ao pé-coxinho, porque Anfitrião o obriga ... a descalçar uma sandália.

Cena 10. De novo nos seus aposentos, Alcmena agradece a Zeus o regresso do marido. Seguidamente, em diálogo particularmente brejeiro, Alcmena e Calipsandra comentam o vigor que o exercício da guerra deu aos «maridos». Quando Anfitrião regressa a casa, estranha, como na peça de Plauto⁷, a frieza com que é recebido. O mesmo se passa com Sósia. Para acalmar Alcmena, que se mostra irritada, Anfitrião quer oferecer-lhe «o mais valioso presente» que pôde encontrar: a taça de ouro por onde bebia o rei Pterelas (como em Plauto⁸). Mas Alcmena já recebera a taça ... e do alforge de Sósia só saem objectos insignificantes.

Os deuses decidem então descer da nuvem, já com o seu aspecto de imortais, e esclarecem o sucedido. Cumpre-se a «Anunciação». Anfitrião conforma-se com os seus «cornos dourados». Sósia julga que Calipsandra também vai ter um «filho divino», mas Hermes desilude-o.

Este simples resumo do entreccho permite entrever a criatividade do autor do novo *Anfitrião* português: cenas inesperadas (a duplicação dos amores, o diálogo com o marceneiro, a «Anunciação» de Hermes,

⁴ *Anf.*, 292 segs.

⁵ *Ibid.*, 534 segs.

⁶ *Ibid.*, 551 segs.

⁷ *Ibid.*, 660 segs.

⁸ *Ibid.*, 760 segs. Recorde-se que, em Plauto, o estojo da taça está vazio.

a mascarada de Anfitrião, a abertura do alforje); personagens diferentes, uma muito alterada (Calipsandra/Brómia), outra nova e apenas ouvida (Esfódrias), outra meramente aludida (Creonte); supressão do papel de Blefarão e da figura, aludida, de Náucrates; etc.

De assinalar, também, como, aliás, o subtítulo faria esperar, o erotismo patente quer na acção (por exemplo, cenas 1, 2, 5, 8, 10), quer, até, em orações (cena 2). Note-se que o Autor é mestre na malícia e nos segundos sentidos.

Passando à caracterização das personagens, comecemos pelo protagonista. N. Ávila dá-lhe um comportamento de *miles gloriosus* que não é evidente em Plauto. Antes de mais, Anfitrião retrata-se deste modo, numa cena em que se faz passar por Zeus (cena 5):

Espelho de virilidade, cavalheirismo, hombridade, heroicidade, elegância, pundonor, magnanimidade (...) E de muitas outras qualidades sobre-humanas que adornam a sua personalidade invulgar.

Depois, fez assim o seu auto-elogio (cena 7):

Não desfazendo na gloriosa memória dos celebrados heróis de Iliadas e Odisseias, ousou afirmar, meu caro Sósia, que esta minha vitória é sem precedentes.

Além de fanfarrão, é blasfemo, grosseiro, obcecado pelo sexo, comilão, ciumento e ... apreciador do empolamento e da redundância.

Logo no início da peça se começa a perceber que Anfitrião tem sempre na ponta da língua uma imprecação pouco ortodoxa, *Pelo pirilau de Zeus (passim)*, que reflecte, aliás, um dos seus interesses na vida. Adiante, comenta, a propósito das ervas aromáticas queimadas nos sacrifícios de Alcmena (cena 4):

Vamos ficar fumadinhos que nem presuntos de Salónica (sic).

Também recorre a expressões como (cena 3):

*Estou-me esvaziando completamente para essas ideias feitas! ou
Estou-me esvaziando para a mensagem...*

A comidinha é outro dos seus prazeres, igualmente apontado a partir da cena inicial, quando se queixa de não saber o que lhe pesa no estômago.

se os choccos, as lulas ou as enguias do almoço.

Aliás, quando Alcmena se diverte com a «encenação» do marido, troça do pretense intruso, que tresandava (cena 5)

aos arrotos de cebola, alho cru e outros perfumes menos agradáveis,

reconhecendo Anfitrião, em aparte, os efeitos do atum de escabeche que comera no banquete.

Os ciumes que tem de Alcmena não resultam, como vimos, de qualquer suspeita relativa ao «sonho», mas das provas de consideração que o rei Creonte costuma dispensar à nobre dama. Daí perguntar a Sósia (cena 4):

Mas quando lhe beijou a mão, à despedida, não te pareceu haver no olhar do soberano um brilho muito particular, muito perturbador, com possíveis indícios de volúpia mal disfarçada?

Finalmente, a completar os excessos da personagem, temos o seu gosto pelo empolamento (cena 10),

Diz-me, deliciosa Alcmena: como poderíamos nós aplinar esta súbita aspereza do nosso caminho?

e pela triplicação (que, aliás, irá ser bem imitada por Zeus), como acontece na linguagem:

*abalos, sacudidelas, estremeções (cena 3);
prestimoso, obsequiador, serviçal (cena 7);
arrancar, extorquir, extirpar (cena 9);
cavalgadura, brutamontes, lapardão (cena 10); etc.;*

e nos gestos: dá sempre três beijinhos a Alcmena.

Alcmena não tem a dignidade da personagem plautina⁹. Continua a ser esposa virtuosa, mas não esconde a sua sensualidade (cena 2),

Quero que saibas quanto me agrada o amor carnal ... o amor humaníssimo de meu marido.

e chega a ser muito rude, por exemplo quando se diverte à custa do marido, disfarçado de Zeus (cena 5):

Olha, dá uma pequena volta pelas ravinas e desfiladeiros do Olimpo. Pode ser que por ali encontres alguma deuseca com cio (...), que muito precise da exuberância dos teus afectos.

⁹ Cf., por exemplo, 839 segs. e 882 segs.

Também não desdenha conversas brejeiras, nomeadamente com Calipsandra (cenas 2, 10).

Religiosa, não se cansa de orar a Zeus (cenas 1, 10), mas, como assinalámos, acha demasiado o sacrifício de uma hecatombe (cena 3).

Sósia mantém muitas das características que Plauto lhe atribuiu. É amigo do vinho, sobretudo do alheio:

Compro umas anforazinhas em saldo, em fim de estação. Isto é, quando as novas uvas já vão dizendo: «Ai que me estás a pisar» (cena 4);

Só uma coisa (...) me poderá devolver o justo equilíbrio. O capitoso vinho do rei Creonte (cena 6);

Andávamos nós por ali, de taverna em taverna, experimentando uns vinhos... (cena 6).

Além de bebedolas, Sósia é boçal e comilão. Depois da festa no palácio real, comenta (cena 5):

Eu, do que mais gostei foi das bailarinas egípcias e das lampreias à moda de Samotrácia.

Não deve nada à valentia. Anfitrião comenta, a dado passo (cena 7):

Ouviste, quando muito, o estrondoso estrépito das armas, escondido na frança de alguma árvore.

É bisbilhoteiro, como se verifica quando conta ao amo o sonho de Alcmena (cena 4):

A bem dizer, trata-se de uma verdadeira cadeia de confidências. (Ou de inconfidências?) Porque a virtuosa Alcmena confidenciou a Calipsandra, Calipsandra confidenciou a Sósia, e Sósia acabará por confidenciar a Anfitrião. (Ai de mim!);

e quando, como Alcmena revela, conta a Calipsandra os planos de Anfitrião (cena 5):

Tive conhecimento de toda esta tramóia por parte de Calipsandra, que o ouviu dizer a Sósia, que por sua vez escutara de Anfitrião a «inviolável confidência».

Enfim, procura imitar o amo, até no frequente recurso a uma imprecação favorita (*passim*).

Apesar de ser, como ele próprio reconhece, «muito terra-a-terra» (cena 3), consegue falar em estilo poético (cena 6):

As águas cristalinas saltitavam nos ribeiros, gorjeavam e chilreavam os passarinhos nos ciprestes... (Nos ciprestes, não). Nas oliveiras.

Na ânsia de se identificar com Anfitrião, Zeus torna-se tão grosseiro e tão pomposo como ele. Imita a imprecação *Pelo pirilau de Zeus*, usa expressões como *Estou-me esvaziando* (cena 8) e triplica sinónimos:

glórias, grandezas, vitórias (cena 8);
indigno, ignóbil, abjecto (cena 8);
insigne, brioso, excelente (cena 8); etc.

Filho prestimoso, Hermes não deixa de aproveitar a situação criada por Zeus para tirar partido do seu papel de ... companheiro de Calipsandra (cena 8):

E agora não percamos tempo, apetitosa Calipsandra. Deitemo-nos e façamos o que mais nos apraz fazer. A noite vem aí, propiciadora de muitas volúpias e deleites.

Não se esquece de aconselhar o progenitor (cena 5),

«O monopólio, a prerrogativa, o exclusivo». Habitua-te, meu Pai, ao divertido exercício da triplicação vocabular,

nem ele próprio se esquece de utilizar a imprecação favorita de Sósia (cena 3).

Como temos vindo a comentar, Calipsandra tem pouco a ver com a Brómia plautina. Companheira de Sósia, é ladina e sensual como a Cornucópia de António José da Silva (cena 10):

Tenho para mim que o exercício da guerra (há males que vêm por bem) dá aos maridos e amantes um vigor, uma fogosidade que não se acredita.

É irónica e pode parecer blasfema. Quando Alcmene comenta a «aparição» de Hermes, Calipsandra mostra-se duvidosa (cena 2):

E com quem falaríeis vós, senão com Zeus, vosso interlocutor predilecto? Depois de meu amo, o senhor Anfitrião.

Ora, e que viria ele cá engendrar? Pedir refúgio para algum ladrão de estrada, vender o produto de algum rapinção? Que é o que ele sabe fazer.

E, quando Sósia lhe narra o encontro com o mensageiro que traz notícias da guerra, pergunta (cena 6):

Que dizia pois o inesperado mensageiro, esse pequeno Hermes de fancaria?

Esfródias, o marceneiro (atente-se na etimologia do grego *Σψοδρίας*), apenas fala dos bastidores. Na sua curta intervenção, porém, revela-se malicioso e interesseiro (cena 3):

Ficai descansada, Senhora Alcmene. Recomendai-me a vosso marido, a quem desejo muitas «energias». O marceneiro Esfódrias precisa de viver, não é verdade?

Das figuras aludidas — e apesar das referências a Electrião (cenar 3, 5), aos irmãos de Alcmena (cenar 5, 6) e ao rei Pterelas (cenar 6, 7, 8, 10) — a mais importante é Creonte (cenar 4, 5, 10), que desempenha uma função inesperada, como catalisador dos ciúmes de Anfitrião.

Se as personagens principais, ainda que modificadas, não escondem as origens plautinas, não faltam também em *Uma Nuvem sobre a Cama* muitos dos processos do cômico favoritos de Plauto. Norberto Ávila sabe aproveitá-los e enriquecê-los.

Como vimos, o dramaturgo português não rejeitou as duas cenas mais famosas de Plauto: o (mau) encontro de Sósia com Mercúrio, à porta do palácio¹⁰; e o relato deste encontro a Anfitrião¹¹. O resultado continua a ser hilariante, como hilariantes são as situações criadas pelo gosto de Sósia pela bebida, atrás referidas.

Também não faltam neste novo Anfitrião as tradicionais cenas de pancada ou ameaça de pancada¹². Mas a pancada pode ser dada por ordem do alfabeto ... grego (cena 8),

Pois toma lá, por alfa, beta, gama ... e ómega e todas as letras do alfabeto grego!

e deixa Sósia a ganir como um cão. Alcmena, que ouve o barulho, comenta (cena 8):

Nunca ouvi um ganir mais lancinante! Não é de bom augúrio.

Na linguagem dramática predomina o diálogo. Ao passo que em Plauto o diálogo alternava com uma série de monólogos e solilóquios, em Norberto Ávila apenas se salienta o solilóquio dito por Sósia, quando congemma, de acordo com as recomendações de Calipsandra, a melhor forma de comunicar a Alcmena a notícia da morte dos irmãos (cena 6):

O que tem de ser ... tem de ser. Pesando bem as palavras, diz ela. Minha senhora Alcmena. Oíço dizer que «tínheis» dois irmãos. «Tínheis»? Demasiado pesado. Se «tínheis» ... é porque já não «tendes». O peso do passado. Fora. Oíço dizer que «tendes» dois irmãos. (Isso mesmo: Falo-lhe no presente, e ela já fica mais descansada. E agora, meu Zeus, como é que eu passo do presente para o passado? Não seria mais lógico passar do presente para o futuro? Não, que isso tomaria um tom profético, e não me quadra o

¹⁰ Cena 8. Cf. n. 4.

¹¹ Cena 9. Cf. n. 6.

¹² Cf. nn. 4 e 6.

ofício de pitonisa. Portanto, retomemos o fio da meada). Oiço dizer, senhora Alcmena, que «tendes» ... Eu disse «tendes». E repito: «tendes» dois irmãos. (E agora? Agora sigo noutra direcção. Sigo na pista dos assassinos. E com isto ganho tempo). Sabeis certamente que o rei Pterelas ... «tinha» ...? Não: «tem». (Pois claro. Tinha, tem e vai continuar a ter). O rei Pterelas, esse perverso monarca, «tem» ao seu serviço alguns sicários. Como? Não sabeis o que são sicários?, etc. (cena 6).

Também na imaginação linguística Norberto Ávila se mostra bom seguidor de Plauto. Já comentámos o estilo redundante das falas de Anfitrião, as suas imprecações sexuais, etc. Outros processos devem ser realçados.

Podemos começar por algumas palavras e expressões:

azeus (cena 3), por *adeus*, *graças a Zeus* (cena 8), *se Zeus quiser* (cena 5); *cagagésimo* (cenas 4, 10), por *milionésimo* ou algo semelhante; um novo tratamento «respeitoso», *Vossa Generalência* (cenas 4, 9); etc.

Mas há outros exemplos ainda mais curiosos, como:

a abreviatura DNI = deus não identificado (cena 4); os nomes atribuídos aos irmãos de Alcmena, Espondeu e Troqueu (cena 6); o aproveitamento do famoso *Ninguém* garrettiano, quando Alcmena responde a Anfitrião, que lhe perguntara quem estivera com ela na sua ausência (cena 10):

Além de ti ... ninguém.

Também julgamos ser intencional a alteração do nome do rei Ptérelas em *Pterelas*, que dá depois origem à deturpação *Patareca*, na boca de Hermes-Sósia (cena 8):

Vencemos os Teléboas e demos o merecido castigo ao rei Patareca!

Directamente bebidas na fonte (recorde-se, por exemplo, logo no início do Prólogo do *Anfitrião*, *Vt uos in uostris uoltis ...*), não faltam as aliterações, como (cena 5)

poder pregar uma partida ... uma peça, uma pirraça:

nem as duplicações do tipo

chiça, rechiça (cena 9), *digna e redigna* (cena 5), ou *gaita, r2gaita* (cena 6),

bem dignas de emparceirar com a famosa sequência plautina *fur, fur, trifurcifer* (*Aululária* 325-326).

Importa ainda realçar outros efeitos. Começando pelos anacronismos, recordem-se as alusões à burocracia (cenas 3, 5); a psiquiatria (cena 5); a cartas de jogar (cena 7); a foguetes (cena 7). Não faltam também apartes (cenas 5, 6, 8); e notas de irreverência religiosa, como a já referida «Anunciação» (cena 2) e a resposta que Alcmena dá a Anfitrião-Zeus, como se fora a Vigem Maria (cena 5):

Senhor, eu não sou digna que entres nesta morada.

Digno de qualquer comédia plautina é também o teatro dentro do teatro: Anfitrião propondo-se pedir a indumentária de Zeus a ... Téspis (cena 4); e a dupla encenação de Anfitrião e Alcmena — «uma divina comédia», como diz Hermes (cena 5) — ele fazendo-se passar por Zeus, ela, depois de fingir estar a sonhar com Creonte, respondendo-lhe bruscamente.

O texto está acompanhado das indispensáveis indicações sobre cenário, adereços, luz, som, indumentária, etc.

A exemplificação apresentada está longe de esgotar o manancial cómico da peça, cujo espírito se nos afigura muito mais plautino do que o das outras recriações portuguesas, quer no cómico de situação, quer no cómico de linguagem.

Nada falta, pois, para fazer de *Uma Nuvem sobre a Cama* uma verdadeira festa: festa, porque festeja um tema de sempre; festa porque o Autor sabe usar festivamente a sua língua; festa, enfim, porque nos dá festa dentro da festa!